

O africanista

SOTER BARRETO

Alsu tirou de trás da orelha meio *viddi* e depois de cuidadosamente limpá-lo colocou-o na boca. Riscou um fósforo e acendeu-o. Inspirou profundamente, revelando a sua dentadura estragada. Na verdade, aqueles dentes podres e aquela ponta de *viddi* pareciam feitos um para outro.

Alsu era *paddecar*, um apanhador de cocos da aldeia. Hoje a colheita de cocos tinha sido boa. Depois de ter ido a casa lavar-se dos pés à cabeça, foi para o *gaddhi* de Kistu. Neste dia tinha algo de especial para lhe perguntar. Espera, disse *gaddhi? Arrecha!* Antigamente podia-se chamar *gaddhi* sem problemas. Mas agora não era apenas um pecado, era pecado mortal. Tal como outros *gaddhis* tinha-se transformado num bar – “Bar and Restaurant Vailankanni”.

Mas para Alsu e para os outros *paddecares* e trabalhadores braçais da aldeia, continuava a ser o *gaddhi* de Kistu como nos velhos tempos. Eles reuniam-se lá, bebendo e dando à língua, e assim se passava o tempo. Mas uma coisa já tinha mudado – o bar agora pertencia ao filho do velho Kistu, que também se chamava Christopher, ou Kistu para abreviar.

Como já disse, Alsu tinha algo a perguntar a Kistu, uma dúvida que o inquietava, e que só o dono do bar era capaz de esclarecer. Na verdade, Kistu era o guardião de todos os pequenos e grandes segredos da aldeia e um poço inesgotável de informações. Um dia as fontes de Kesarval e Torsam poderão estancar mas o manancial de revelações de Kistu nunca secaria. Um bocado medricas por natureza, hoje Alsu estava resoluta: iria tirar aquela questão a limpo. Mas primeiro precisava de molhar a garganta e de aquecer a barriga. Para ganhar coragem ele pediu: “Kistu, um *pav* de *alem*, se faz favor”.

Segurando o *pav* de fenim de coco com gengibre, Kistu ia apanhar uma garrafa de soda com a outra mão, mas Alsu disse-lhe: “Não, não! Hoje nada de soda para mim. Estou com a garganta irritada – acho que estou a ficar constipado”.

Alsu hesitou: será que lhe podia dizer que a sua pergunta precisava de coragem, e que era por isso que ele não diluía a sua bebida? *Xi!* Tinha muita vergonha!

Fitando o encorpado e bem apessoado Kistu, que parecia o protagonista de um filme hindi, Alsu empinou o copo e tomou um bom trago do seu *alem*. Pela sua cara quase que dava para ver o caminho fofoso da aguardente pelas goelas abaixo até o fundo do estômago.

“*Xi*, Kistu. O teu *alem* é bem forte, *re*.” Foram estas as palavras que Alsu conseguiu balbuciar depois de tossir com força e massajar a sua garganta.

“Claro, Alsu-*bab!* Não te dei uma porcaria qualquer. Esse *alem* é maduro. Está posto de parte. Só o tiro para ocasiões especiais e quando me der na gana”, disse Kistu, enchendo o seu copo outra vez.

Uma coisa era certa. Se alguém da aldeia quisesse álcool da terra ou até do estrangeiro, era com Kistu que era preciso falar. Noutros tempos, quando o maior proprietário da aldeia, também conhecido como *vhoddlo batcar* ou africanista, queria vinho branco ou tinto, conhaque, uísque ou o que quer que fosse, ele ia entregar-lhe à casa. Kistu era muito prestável por natureza. Quando o batcar africanista estava fora, ele cuidava da sua casa e propriedade, até por ser seu vizinho. Só recentemente é que se tinha afastado um pouco. E a informação que Alsu queria saber era precisamente acerca dele!

Nesse preciso momento, dois dos seus companheiros *paddecares*, Ruzai e Sodu, chegaram e sentaram-se à sua mesa. Assim que os viu, Alsu sentiu-se mais confiante. O *pav* de *alem* já tinha assentado bem e aquecia o seu estômago. Na distância ouvia-se música. Sodu disse: “Parece que há festa em casa do batecar africanista. Esta música e aquelas luzes são da casa dele”.

Ruzar olhou para Kistu em silêncio, enquanto Sodu retomou: “É por causa do novo filho do africanista, que acabou de nascer. Dia sim dia não festejam o acontecimento. E o mais incrível é que o pai já tem quase oitenta anos”.

Alsu estava apenas à espera de uma desculpa para se introduzir na conversa. Alguma coisa ele já sabia do passado do africanista, mas não tanto como Kistu. O batecar era o maior proprietário da aldeia. Embora o seu verdadeiro nome fosse José Emerciano Teodósio de Castelo Branco e Dias, os aldeões chamavam-

-no africanista e havia boas razões para essa alcunha. Ele tinha passado a maior parte da vida em Moçambique. A sua mãe, D. Telma, filha única do proprietário da aldeia, tinha-se apaixonado por um *pacló* português, como os brancos eram conhecidos, quando estudava no liceu. Ela fê-lo *ghorzavoim*, um genro que vive em casa do sogro. José Emerciano-bab, único filho deles, fora nomeado para um posto importante na administração colonial da África oriental portuguesa. Viveu lá uns bons anos. Depois da morte dos seus pais, e temendo que a casa e suas propriedades se degradassem, viu-se forçado a voltar para Goa já com idade avançada. Antes disso, era Kistu quem cuidava de todos os seus assuntos.

Contava-se que durante a sua juventude em África levou uma vida de estroina. Embora tivesse adentrado na má-vida até quase perder o pé, conseguia manter seco o langotim; mais picante ainda é que há dois anos atrás ele foi de férias e voltou casado. E a esposa que trouxe com ele era uma boneca de vinte e cinco anos, uma verdadeira beleza. Um ano mais tarde nasceu-lhes um rapaz. Hoje era aniversário dele, e daí a festa. Mas Kistu já não ia a casa deles como dantes.

Por esta altura, Alsu já tinha emborcado o segundo *pav* e queria ainda mais apaziguar a sua dúvida. Ele chamou Kistu num tom mais alto: “Kistu-*bab*, chega-te aqui. Tenho uma coisa importante para te perguntar. *Arre!* Tu conheces ao pormenor tudo aquilo que se passa na aldeia, não é?”

Já se via que Alsu estava meio borracho. Kistu pôs-se a pensar se não teria cometido um erro ao servir-lhe o seu *alem* mais maduro. Mesmo assim, colocou o *pav* de lado e perguntou: “Diz, Alsu, o que querias saber?”

“Olhe, Kistu-*bab*... O africanista está mesmo velho, não está?”

Kistu concordou.

“E a mulher do africanista é mesmo um bom pedaço, não é?”

Outra vez Kistu anuiu com a cabeça.

“Nesse caso, diz-me uma coisa. Numa idade daquelas, dá para fazer filhos tão... rapidamente?”, disse ele, batendo na mesa com o punho. Por sorte, Ruzar, Sodu e Kistu conseguiram agarrar os copos e garrafas a tempo. Antes de Kistu ter tempo para responder, Ruzar entrou na conversa:

“E isso é estranho porquê? Dizem que homens e coqueiros dão frutos até morrer.”

Alsu perdeu a cabeça. “Ruzar, ninguém pediu a tua opinião. Sim, Kistu, fala!”, disse, encarando-o de novo.

Kistu olhou em redor. Quis a sorte que mais ninguém nesse momento estava no bar salvo eles.

“Alsu, vou-te contar uma história. Ouve com atenção. É uma história africana, acerca de um caçador. Um dia foi passear na floresta sem levar consigo a sua espingarda. Tudo o que ele tinha era uma bengala. De repente, apareceu-lhe um tigre ao caminho. Petrificou, mas como era um bom caçador, não queria mostrar medo diante da fera. Instintivamente, levou a bengala ao ombro como se fosse uma arma e fez um ‘dum!’ com a boca. E o mais incrível é que o tigre caiu logo morto. O caçador pensou que o tigre tinha morrido de choque, por causa do barulho pavoroso que ele tinha feito. E passou a contar esta história a todos, cheio de orgulho. Mas a verdade era outra. Quando o caçador levou a bengala ao ombro e fez aquele ruído, escondido num arbusto, atrás dele, estava o homem que realmente tinha disparado o tiro.”

O efeito do *alem* que o Alsu tinha disfrutado dissipava-se rapidamente.

“Se são pretos, meu amor,
Teu pai e tua mãezinha,
Como é que tu saíste
Branco tal como a farinha?”

Senhor, não me queira mal
Por esta cor que é minha.
É que nasci sexta-feira,
noite de lua-cheinha.”

Cantando esta canção, Alsu foi andando para casa.